

## **SURFE NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: REFLEXÕES E POSSIBILIDADES DE VIVÊNCIAS.**

Francisco Filipe Damasceno Fernandes <sup>1</sup>  
Ítalo Breno Rocha Roseira <sup>2</sup>

### **INTRODUÇÃO**

As práticas corporais de aventura ganharam destaque como unidade temática na Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017), abrindo assim maiores possibilidades para a vivência destas nas escolas de todo o Brasil. Este trabalho tem como foco apresentar possibilidades de utilização da referida unidade temática na escola, especificamente, com o relato de experiência de ensino da modalidade esportiva surfe.

A Metodologia de Pesquisa Colaborativa é aqui utilizada com o intuito de propiciar uma maior reflexão sobre experiências de ensino dos autores, potencialização das possibilidades didáticas da Educação Física escolar e divulgação de experiências exitosas para professores e pesquisadores, com embasamento teórico em Ibiapina (2005), Gasparotto (2016) e Florêncio (2017). Para as discussões sobre saberes docentes foi utilizado Tardif (2013).

No que concerne à temática das práticas corporais de aventura utilizamos os referencias teóricos: Pereira et al (2010), Schwartz et al (2013) e Inácio (2014). A iniciativa partiu de dois docentes de uma escola dos anos finais do ensino fundamental da Rede Municipal de Educação de Fortaleza, Ceará, com o intuito de propiciar aos estudantes uma experiência educativa diferenciada e divertida de vivência da modalidade surfe. Além dos dois professores-autores deste trabalho, três monitores de projetos da prefeitura, que estavam vinculados à escola, e dois monitores da escolinha de surfe, que disponibilizou os materiais, também ficaram responsáveis pelos 29 alunos durante a vivência no litoral. Seguindo todas as recomendações indicadas pelos professores nas aulas que antecederam a vivência, os estudantes conseguiram vivenciar está prática de forma exitosa, gerando assim, satisfação e entendimento sobre a modalidade.

---

<sup>1</sup> Doutorando do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará. Professor da Rede Municipal de Fortaleza, [filipeljf@gmail.com](mailto:filipeljf@gmail.com);

<sup>2</sup> Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Estadual do Ceará. Professor da Rede Municipal de Fortaleza, [italobreno.rocha@educacao.fortaleza.ce.gov.br](mailto:italobreno.rocha@educacao.fortaleza.ce.gov.br);

## **METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)**

A pesquisa colaborativa surge no escopo das pesquisas qualitativas e apresenta semelhanças com a etnografia escolar. Tal característica propicia resultados relacionados à prática docente, o que torna mais viável a elaboração de compreensões emergentes acerca da prática pedagógica dos envolvidos (GASPAROTTO, 2016, p. 950). O desenvolvimento do trabalho colaborativo contribui na formação e na transformação da realidade docente, pois, por meio da ação reflexiva e do trabalho coparticipativo de interação de estudo teórico-prático novas possibilidades didáticas emergem e os docentes envolvidos nas mesmas expandem seus arcabouços pedagógicos. O pesquisador estuda o seu objeto de investigação na realidade prática construindo conhecimentos com base em contextos educacionais vivenciados, utilizando descrições e explicações sobre eventos ocorridos nas experimentações para desta forma também intervir futuramente. Logo, a colaboração é compreendida como um processo compartilhado de avaliação e reorganização de práticas que incluem aspectos metodológicos, os quais criam contextos abertos para que todos os participantes falem, questionem, relatem e formulem novas formas de intervenção didática (GASPAROTTO, 2016, p. 950).

Parte da compreensão de que o saber produzido no cotidiano escolar precisa ser reconhecido como procedimento de investigação científica que contribui para a de novos conhecimentos que valorizam as formas subjetivas do saber dos sujeitos envolvidos, a pesquisa colaborativa, exige rigor metodológico, ruptura com o pensamento positivista e que os saberes científicos e aqueles construídos na prática dos professores estão imbricados e se complementam na ação docente (FLORÊNCIO, 2017, p. 326 e 327).

Para Ibiapina (2005, p. 30 e 31) esta metodologia de pesquisa tem potencial de focalizar e resolver os problemas educacionais de uma forma emancipatória, pois se apresenta como mais pertinente para atender as preocupações dos professores sobre a sua profissão, já que está mais diretamente ligada à resolução dos conflitos por eles vivenciados. Nessa direção, há a possibilidade de tornar os professores mais aptos para agirem no sentido da transformação, tanto de suas práticas mais específicas, quanto da sociedade mais ampla.

Trabalhos deste tipo proporcionam compreensão, interpretação e solução de problemas enfrentados pelos professores, pois promovem informações e experiências

que transformam a cultura docente, devido as investigações aliarem a produção do conhecimento com a autorreflexão. No processo da pesquisa colaborativa, que é crítica e se engaja objetivamente na realidade, uma rede de negociações é estabelecida com o intuito de mudar as práticas docentes, o que favorece a formação e desenvolvimento profissional (IBIAPINA, 2016, p. 34 e 35).

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Depois de alguns meses tentando conseguir transporte adequado com a Secretaria Municipal de Educação de Fortaleza, no dia 09 de outubro de 2023, os professores de Educação Física da Escola Municipal de Ensino Fundamental Zaíra Monteiro Gondim, autores deste trabalho, levaram seus alunos para uma aula prática de surfe na praia da Leste-Oeste, também no município de Fortaleza. A iniciativa partiu dos docentes da referida instituição de ensino com o intuito de propiciar aos estudantes uma experiência educativa diferenciada e divertida de vivência desta modalidade de prática corporal de aventura, para além das limitadas possibilidades de vivência realizadas em sala de aula. Contando com total apoio da gestão escolar, a qual mediou com a Secretaria de Educação o ônibus do traslado, os dois professores levaram 28 alunos de oitavos e nonos, anos de ambos os turnos, à referida prática. Mais três monitores, de projetos da Prefeitura Municipal de Fortaleza, se disponibilizaram para auxiliar os docentes nos cuidados e precauções com os alunos. A saída da escola, que fica localizada nas proximidades do Bairro Itaperi, foi por volta das 14 horas, na referida segunda-feira (09/10/23), em direção à escolinha de surfe *TD Surf*, localizada na orla da capital do Ceará, que foi previamente contatada para receber os estudantes e realizar a aula. Um dos professores de Educação Física da escola, que é surfista, ficou com dois professores da escolinha de surfe levando os alunos, de três em três, para o mar para “pegar ondas”.

Os materiais utilizados, no caso a parafina e as três pranchas, foram disponibilizados pelos anfitriões da escolinha de surfe. Cada aluno permaneceu cerca de dez minutos na água, depois do momento de instrução em terra, onde os professores demonstraram como os estudantes deveriam proceder para surfar, ou seja, como remar deitados na prancha e depois ficar em pé na mesma. Nenhum dos 28 discentes havia surfado anteriormente. Retornamos à escola por volta das 19 horas. Era nítida a alegria e satisfação dos alunos ao sair da água tendo passado pela referida experiência, o que gerou por muito tempo comentários e pedidos de diversos outros estudantes.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A última parte do trabalho, também é considerada uma das mais importantes, tendo em vista que nesta sessão, deverão ser dedicados alguns apontamentos sobre as principais conclusões da pesquisa e prospecção da sua aplicação empírica para a comunidade científica.

Também se abre a oportunidade de discussão sobre a necessidade de novas pesquisas no campo de atuação, bem como dialogos com as análises referidas ao longo do resumo.

**Palavras-chave:** surfe, educação física escolar, práticas corporais de aventura, pesquisa colaborativa, relato de experiência.

## AGRADECIMENTOS

Agradecemos à gestão da Escola Municipal Zaíra Monteiro Gondim; à Secretaria Municipal de Educação de Fortaleza; aos monitores escolares do programa Aprender-Mais; e à Escolinha de Surfe *TD Surf Trainer* e seus instrutores.

## REFERÊNCIAS

BRASIL (Governo Federal). **Base Nacional Comum Curricular**. Ministério da Educação, Conselho Nacional de Educação, 2017.

Pereira et al (2010)

Schwartz et al (2013)

Inácio (2014)

IBIAPINA, I. M. L. M; FERREIRA, M. S. A pesquisa colaborativa na perspectiva sócio-histórica. **Linguagens, Educação e Sociedade** – Teresina, n. 12, jan./jun. 2005.

IBIAPINA, I. M. L. M. Reflexões sobre a produção do campo teórico-metodológico das pesquisas colaborativas: gênese e expansão. In: IBIAPINA, I. M. L. M; BANDEIRA, H. M. M; ARAUJO, F. A. M. (Organizadores). Pesquisa colaborativa: multirreferenciais e práticas convergentes. Edufpi. Teresina, Piauí. 2016.

GASPAROTTO, D. M; MENEGASSI, R. J. Aspectos da pesquisa colaborativa na formação docente. **PERSPECTIVA**, Florianópolis, v. 34, n. 3, p. 948-973, set./ago. 2016.



FLORENCIO, S. Q. N; GOMES-DA-SILVA, P. N. A pesquisa colaborativa na educação física escolar. **Movimento**, Porto Alegre, v. 23, n. 1., p. 325-338, jan./mar. de 2017.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005..